

ATRAVESSAMENTOS NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS EM QUESTÃO

CRUCES EN LA DOCENCIA UNIVERSITARIA EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA: INNOVACIONES PEDAGÓGICAS EN CUESTIÓN

CROSSINGS IN UNIVERSITY TEACHING IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC: PEDAGOGICAL INNOVATIONS IN QUESTION



Márcia Maria e SILVA¹
e-mail: marciamaria@id.uff.br



Walcéa Barreto ALVES²
e-mail: walceaalves@id.uff.br



Rejany dos Santos DOMINICK³
e-mail: rejany_dominick@id.uff.br

Como referenciar este artigo:

SILVA, M. M.; ALVES, W. B.; DOMINICK, R. S. Atravessamentos na docência universitária no contexto da pandemia: Inovações pedagógicas em questão. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 27, n. esp. 1, e023021, 2023. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v27iesp.1.17918>



| Submetido em: 10/03/2022
| Revisões requeridas em: 25/11/2022
| Aprovado em: 10/01/2023
| Publicado em: 13/05/2023

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – RJ – Brasil. Professora Adjunta. Doutora em Educação (UERJ).

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – RJ – Brasil. Professora Adjunta. Doutora em Educação (UFF).

³ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – RJ – Brasil. Professora Associada. Doutora em Educação (UNICAMP).

RESUMO: O objetivo do artigo é apresentar uma análise do processo de reflexão-ação de docentes no contexto da pandemia do SarsCov 2 e, para tal, cotejamos algumas políticas e práticas educacionais da formação docente desenvolvidas na Faculdade de Educação e em outros espaços da Universidade Federal Fluminense. Realizamos pesquisa na ação e sobre a ação, vivenciando diálogos interculturais e interdisciplinares para entender, produzir e intervir na cultura educacional universitária. O debate nos levou a definir coletivamente estratégias democráticas, inovadoras, interculturais e interdisciplinares. A análise da conjuntura e o redimensionamento didático-metodológico demandados, preponderantemente virtuais, nos fizeram concluir que entre travessias e atravessamentos a construção de fazeres intersubjetivos impulsionaram ações instituintes e insurgentes diante das tensões de um tempo de sofrimento humano que nos exigiu construir estratégias para, nesse fazer coletivo, celebrar e valorizar a vida. Para a escrita, adotamos uma perspectiva descritivo-analítica, historicizando alguns dos processos de auto-organização participativa e dialógica.

PALAVRAS-CHAVE: Docência universitária. Ensino remoto. Dialogismo. Inovação pedagógica.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es presentar un análisis del proceso de reflexión-acción de los docentes en el contexto de la pandemia SarsCov 2 y, para ello, comparar algunas políticas y prácticas educativas de formación docente desarrolladas en la Facultad de Educación y otros espacios de la Universidad Federal Fluminense. Realizamos investigación en acción y sobre acción, experimentando diálogos interculturales e interdisciplinarios para comprender, producir e intervenir en la cultura educativa universitaria. El debate nos llevó a definir colectivamente estrategias democráticas, innovadoras, interculturales e interdisciplinarias. El análisis de la coyuntura y el redimensionamiento didáctico-metodológico demandado, predominantemente virtual, nos hizo concluir que entre cruces y cruces la construcción de acciones intersubjetivas impulsó acciones instituyentes e insurgentes frente a las tensiones de un tiempo de sufrimiento humano que nos exigió construir estrategias para, en esta acción colectiva, celebrar y valorar la vida. Para la escritura, adoptamos una perspectiva descriptiva-analítica, historicizando algunos de los procesos de autoorganización participativa y dialógica.

PALABRAS CLAVE: Docencia universitaria. Enseño remoto. Dialogismo. Innovación pedagógica.

ABSTRACT: The objective of this article is to present an analysis of the process of reflection-action of teachers in the context of the SarsCov 2 pandemic and, to this end, we compare some educational policies and practices of teacher training developed in the Faculty of Education and other spaces of the Fluminense Federal University. We conduct research in action and about action, experiencing intercultural and interdisciplinary dialogues to understand, produce and intervene in university educational culture. The debate led us to collectively define democratic, innovative, intercultural and interdisciplinary strategies. The analysis of the conjuncture and the didactic-methodological resizing demanded, predominantly virtual, made us conclude that between crossings, the construction of intersubjective actions boosted instituting and insurgent actions in the face of the tensions of a time of human suffering that required us to build strategies to, in this collective action, celebrate and value life. For writing, we adopted a descriptive-analytical perspective, historicizing some of the processes of participatory and dialogical self-organization.

KEYWORDS: University teaching. Remote learning. Dialogism. Pedagogical innovation.

Introdução

A pandemia do Sars COV-2 atravessou a vida de todos. Isolamento, temor, dor e perda impactaram diretamente as rotinas. Muitas dúvidas se apresentaram e mobilizaram ações que ganharam dimensão instituinte em contexto de isolamento físico obrigatório.

Na instituição federal de ensino superior na qual trabalhamos, os participantes do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica da Universidade Federal Fluminense (OIIIPe-UFF) intervieram potently em encontros de compartilhamento e análise das medidas para lidar com o quadro caótico que se interpôs à vida de todos.

Na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), fomos atravessados pela inevitabilidade do ensino remoto. Nós nos organizamos dentro das possibilidades que as circunstâncias impunham. Algumas perguntas orientam o caminho das análises que produzimos aqui: Como interagimos com normas internas e governamentais? Quais foram as reflexões e contribuições dos membros do OIIIPe UFF na transição das atividades presenciais para as remotas? O que aprendemos sobre as configurações da docência na universidade com a crise sanitária? O que consideramos importante destacar sobre as tensões que se acentuaram no âmbito intersubjetivo, uma vez que o sofrimento humano, paradoxalmente, impulsionou ações de resistência e de insurgência? O que aprendemos juntas?

Adotamos uma perspectiva descritivo-analítica. Historicizamos alguns dos processos de auto-organização da FEUFF com base na atuação de integrantes do OIIIPe-UFF durante o ano de 2020. A centralidade da reflexão está no debate teórico-metodológico sobre a complexidade das implicações didático-político- pedagógicas que envolvem os diferentes aspectos da aula na universidade, no contexto da pandemia, nas travessias e atravessamentos que levaram ao estabelecimento das normas e portarias. Em decorrência destas, transformações significativas se deram no cotidiano da educação superior durante os meses de isolamento físico, estendido por mais de três períodos letivos, muito mais do que a princípio era possível prever. Explicitamos, sob nosso ponto de vista, tensões, decisões, soluções e analisamos o que a experiência nos provocou. Historicizamos alguns dos processos de auto-organização. Realizamos pesquisa na ação sobre a ação, com caráter participativo.

O OIIIIPe na UFF

No dia 19 de março de 2020, as autoridades sanitárias, em Niterói-RJ, determinaram o início do trabalho remoto. Os pesquisadores do OIIIIPe na UFF participaram ativamente dos encontros para interpretação e apropriação de normas emanadas em nível nacional e local, pelos colegiados superiores da UFF, visando ao enfrentamento do quadro pandêmico, à manutenção das atividades acadêmicas, ao aprimoramento das estratégias de ensino e também das relações interpessoais ambientadas por vias de comunicação na internet.

Perplexos, sentimos as perdas de parentes e amigos a quem dedicamos nossas homenagens e manifestação de profundo respeito. Apesar do forte impacto provocado pela crise, as angústias individuais, ao contrário de nos paralisar, intensificaram a busca por ações coletivas dos membros do OIIIIPe-UFF, visto que os desafios político-pedagógicos da docência universitária, no grupo, haviam se iniciado em 2019, quando nos colocamos interessadas em estudar a formação dos professores universitários e em dialogar com e sobre as tecnologias digitais da comunicação e da informação (TDIC). Epistemologias, didáticas, currículos, tecnologias e políticas educacionais fizeram parte dos debates, ancorados inicialmente pela perspectiva de Cunha (2016) sobre inovação na docência universitária.

Realizávamos algumas reuniões com perfil de comunicação híbrido. Vínhamos debatendo sobre como cada integrante do Observatório estava vivenciando o que Cunha (2016) denomina inovação pedagógica. Esse interesse fez parte de um movimento de autoidentificação do grupo, ativando inclusive a socialização das temáticas e metodologias de pesquisa, ensino e extensão dos seus componentes. O processo se iniciou nas reuniões do Núcleo de Didática da FEUFF, que era formado por diversos membros do Observatório. Tal núcleo, que tem assento no Programa de Inovação e Assessoria Curricular da universidade (PROIAC/PROGRAD-UFF), vinha sendo mobilizado a refletir sobre os desafios do ensino universitário, considerando as dificuldades encontradas para a inclusão da diversidade dos estudantes no cotidiano dos cursos de graduação.

As políticas de cotas, de acesso e permanência vêm demandando uma avaliação sobre as práticas de ensino a partir de estudos no campo do currículo e da didática, considerando o caráter identitário do conjunto de atores sociais da instituição definidos pelos recortes étnico-raciais, de gênero e de sexualidade, além de aspectos socioeconômicos e de inclusão de pessoas com deficiência.

Nossa experiência foi compartilhada no VIII Encontro do OIIIIPe, sediado pela UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) de Bauru, em dezembro de 2019.

Tivemos também, nesse evento, a oportunidade de vivenciar o presencial e o on-line simultaneamente, de modo a contemplar as possibilidades e impossibilidades de tempo e espaço para participação dos integrantes.

As reuniões mensais do observatório na UFF aconteciam de forma presencial e virtual simultaneamente, muitas vezes, de modo a corresponderem às disponibilidades de tempo-espaço dos participantes (SILVA *et al.*, 2020). Constatamos, com a pandemia, que nos antecipamos às condições tecnológicas e de interação que vieram a ser demandadas, meses depois, para a realização do trabalho docente nas universidades e também nas unidades da educação básica.

Considerando a importância de refletir sobre o conceito de aula, realizamos um Seminário Interno do OIIIIPe-UFF, em junho de 2020, sobre inovação pedagógica e tecnológica (CUNHA, 2016), aula universitária (CORRÊA, 2016), aula como acontecimento (GERALDI, 2010) e o saber da experiência (LARROSA, 2002), entre outros temas decorrentes.

Quando se avolumaram os debates, na UFF, sobre as condições objetivas para o retorno às aulas, o grupo já havia construído o consenso de que a aula on-line precisava dar foco ao protagonismo dos estudantes e ao dialogismo bakhtiniano (GERALDI, 2010). Era imperativa a consciência de que se devia avançar de uma racionalidade tecnicista (base de muitos cursos de educação a distância), para uma racionalidade dialógica e reflexiva. Nesse sentido, a atenção à produção de discursos e à interpretação dos seus sentidos impunha a necessidade de um olhar sensível e atento para condicionantes sociais, histórico-culturais e ideológicos – explícitos e implícitos – constitutivos dos processos de comunicação humana.

O ensino não presencial não poderia ser a reprodução de questionáveis práticas de EaD. Constatamos, inclusive, que não haveria sequer tempo, profissionais com formação, equipamentos adequados e estrutura universitária disponíveis para instaurar o desenho “instrucional” praticado pela modalidade que púnhamos em questão. Não nos interessávamos em replicar abordagens neotecnicistas no ensino presencial, muito menos no ensino remoto.

Assim, nosso foco eram os processos de alteridade, constitutivos das individualidades; eram as interações verbais e suas plurissignificações; eram os diversos sentidos atribuídos às vivências e interações pedagógicas. Segundo Geraldi (2013, p. 13), "somos, pois, a alteridade que nos constitui, mas não somos reprodução dessa alteridade porque somos agentes por nossas contrapalavras". Uma mesma situação não se define do mesmo modo para todos, visto que cada um constrói a partir de suas posições uma internalização sensível das vivências. A experiência sensível que precisávamos estimular era fundamental entre os docentes, para que

novas imagens-memórias se construíssem sobre o processo e com o processo de estudo-ensino remoto.

Contudo, o ensino remoto mediado pelas TDIC, que estava causando tensões em professores e estudantes, poderia não ser enfatizado a partir da polarização entre resistência e submissão. As críticas preponderantes entre os docentes da FEUFF estavam no fato de que, para alcançar um quantitativo muito maior de estudantes, usavam-se estratégias de ensino massificado, aligeirando o processo e reduzindo, conseqüentemente, a qualidade da formação. As preocupações corriam em torno do risco de que o sistema de EaD, tão criticado por muitos, acabasse sendo normalizado na formação presencial de professores, ampliando-se, em nível regimental, para além dos 40% já previstos na portaria do MEC nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019).

Além da resistência às iniciativas de EaD, muitos alunos e docentes não tinham equipamentos e internet adequados para acesso e/ou domínio técnico de instrumentos de comunicação para fins de ensino. As salas virtuais eram desconhecidas da maioria, assim como as estratégias para ambientação virtual das disciplinas. Alguns estavam realizando pela primeira vez reuniões síncronas. Percebemos o risco da transposição linear das práticas presenciais de aula para o trabalho remoto, o que se confirmou como um problema didático-metodológico a ser enfrentado no debate sobre educação e virtualidade na pandemia (CANDAU, 2020).

Entre incertezas, não saberes e temores, no primeiro semestre de 2020, acreditávamos que a matéria principal dos docentes universitários deveria ser salvaguardar a própria vida, buscar proteção coletiva, reconectar-se com os estudantes, estabelecer a interação humana, experimentar novos modos e caminhos de interação. Atravessadas por tantas demandas inesperadas, nos colocamos em travessia nas ambiências mediadas pelas TDIC.

Atravessamentos normativos e nossa travessia

A educação brasileira esteve (e ainda está em 2021) diante de muitos dilemas relacionados à suspensão e retorno das atividades presenciais. Mudanças se deram no contexto interno da universidade, tanto no que se refere aos tensionamentos sociais, discussões políticas e sanitárias, quanto às questões da legislação federal, estadual e municipal que regulamentam o ensino superior na UFF - campus Niterói. Logo que a prefeitura publicou o Decreto nº 13.506/2020, em 16 de março de 2020, as atividades presenciais foram suspensas e deliberou-se sobre o adiamento do início do semestre letivo. O decreto teve como base a classificação da

disseminação comunitária da COVID-19, que explicitou estarmos vivendo uma pandemia. Esse critério foi estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11/03/2020, e assumido nos três níveis do poder Executivo.

A suspensão deixou a comunidade acadêmica em alerta, mas havia a expectativa de breve retorno, pois a situação era para nós, que somos de geração posterior à que vivenciou a pandemia da gripe espanhola (1918-1920), algo totalmente inusitado. Embora tenha ocorrido a pandemia da gripe suína (H1N1) no ano de 2009 - a primeira do século XXI - seu impacto foi em escala inferior à atual. As repercussões sociais e econômicas da gripe suína também foram diferenciadas da COVID-19, devido ao menor grau de transmissão e letalidade. As condições de medicação e vacinação foram viabilizadas à época por medidas governamentais empreendidas rapidamente e pela existência de conhecimento sobre medicamentos e tratamentos com relação ao vírus Influenza (SCHUELE, 2020; BARIFOUSE, 2000a, 2020b, CEE-FIOCRUZ, 2021).

A dimensão do que poderia ainda acontecer não tinha precedentes na memória coletiva contemporânea e tal panorama foi sendo o foco das reflexões, debates e embates no seio da UFF. As medidas que iam sendo encaminhadas pelos governos e pelos gestores da instituição atravessavam as reuniões de departamento, colegiados de curso e de unidade. Tínhamos a expectativa de breve retorno, mas o panorama era de espera. As políticas do governo federal apontaram caminhos para o retorno às aulas de modo remoto por meio de determinações pouco participativas tanto para a educação básica quanto para o ensino superior. Houve muitos debates e embates sobre caminhos para organizar o trabalho durante a pandemia. Era impossível o retorno presencial devido ao perfil de professores, servidores técnicos e estudantes alocados em 128 cursos presenciais, muitos pertencentes a grupos de risco.

Em 17 de março de 2020, o MEC publicou a portaria nº 343 (BRASIL, 2020), dispondo “sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. Esse documento, autorizou as instituições de ensino superior (em caráter excepcional) a substituírem disciplinas presenciais por aulas realizadas por meio de tecnologias da informação e da comunicação. Vetou, entretanto, práticas de estágio e laboratório nesse formato. No decorrer dos meses, várias ações se constituíram, tal como a estratégica “O Brasil conta comigo”, instituída pela Portaria nº 580, de 27 de março de 2020.

Havia uma pressão do governo federal para acelerar a conclusão da formação dos profissionais da saúde visando à atuação, via residência, nas unidades de atendimento do SUS,

como medida de enfrentamento à COVID-19. No âmbito da educação, foi publicada, a Medida Provisória nº 934 (MEC), estabelecendo normas excepcionais para a educação básica e o ensino superior. Esta teve como uma de suas premissas principais a flexibilização da quantidade mínima de dias letivos exigidos. Em seguida, a Portaria MEC nº 383 postulou a antecipação de colação de grau dos estudantes da área da saúde com a justificativa de fortalecer o grupo de trabalhadores na linha de frente do combate à pandemia. Tais determinações foram pressionando o contexto universitário com desdobramentos institucionais de preparação e posicionamento para realização de suas atividades, tal como a Portaria nº 66.704, do Gabinete do Reitor (GAR), que criou o Grupo de Trabalho (GT) da Saúde para discutir medidas de antecipação da colação de grau nos cursos de graduação da área de Enfermagem, Medicina, Fisioterapia e Farmácia.

O Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFF (CEPEX) deliberou a suspensão do calendário letivo de 2020 por tempo indeterminado (UFF, 2020a) (CEPEX nº 109/2020, em 08 de Abril). Na dinâmica entre as normas do MEC e as possibilidades reais de uma instituição com mais de 35.000 alunos e 3.000 professores na graduação presencial, foram sendo construídas estratégias para a realidade que se configurava diante da “excepcionalidade da situação e a necessidade de adoção de medidas consoantes ao enfrentamento da pandemia do novo coronavírus” (CEPEX nº 109/2020, p.3) (UFF, 2020a).

Em 28 de abril, no Conselho Nacional de Educação (CNE) foi aprovado o Parecer nº 5/2020, que trata da “Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19”. O documento apresenta um panorama geral do contexto pandêmico e sua repercussão nos sistemas educacionais, aponta possíveis consequências da suspensão das aulas na educação básica e no ensino superior por um longo período de tempo e apresenta possibilidades de cumprimento de carga horária mínima estabelecida pela Lei nº 9394/96.

Conforme políticas, decisões e encaminhamentos do governo federal foram sendo apresentadas, a UFF buscou traçar caminhos para as situações complexas que tínhamos. A Faculdade de Educação, em suas diferentes instâncias decisórias de Colegiado de Unidade, Colegiado do Curso de Pedagogia e Núcleo Docente Estruturante, bem como reuniões departamentais, buscava pensar proativamente sobre as questões que se anunciavam. Sem atividades presenciais, sem contato direto com os estudantes e nem previsão de regularização das atividades até o início de maio de 2020, criou iniciativas de aproximação no bojo do

desenvolvimento de ações extensionistas.

Nos entremeios, a primeira ação de comunicação direta da universidade voltada com a comunidade acadêmica foi o envio de um formulário pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) para mapeamento das condições de acesso digital de estudantes, professores e técnico-administrativos, que chegou à FEUFF, no dia 15 de maio de 2020. O mapeamento deu uma panorâmica do perfil dos estudantes para subsidiar ações e políticas institucionais visando à reorganização das atividades acadêmico-administrativas em decorrência das medidas de enfrentamento à pandemia.

Paralelamente ao levantamento, foram definidas ações e emitidas resoluções pelo CEPEX. Foi publicada a Decisão CEPEX nº 110/2020, de 20 de maio (UFF, 2020b) que permitia aos estudantes concluintes apresentar monografias, trabalhos de conclusão e fazer as atividades complementares de forma remota. Foi criado um novo GT, presidido pela PROGRAD e composto por membros do próprio CEPEX, para planejamento de atividades acadêmicas emergenciais durante a pandemia. O GT se organizou a partir de quatro eixos principais: 1. Humanas e Sociais, para identificar aspectos relativos a acesso digital, políticas de inclusão e saúde, com a produção e análise dos mapeamentos realizados pelo subgrupo; 2. Tecnologias e Capacitação Docente, para avaliar as possibilidades do uso de tecnologias digitais e formas de capacitação docente; 3. Governança, para realizar levantamento de boas práticas em outras instituições; identificar o conjunto de normativas em vigor; pensar possibilidades ou necessidades para um possível retorno híbrido ou presencial; 4. Estratégias de Ensino-Aprendizagem e Avaliação, para buscar e realizar novas formas de dinamização de ensino na sala de aula, mediado pelo uso das tecnologias e ferramentas digitais, tendo como horizonte metodologias ativas, prevendo indicação de portfólio reflexivo, aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, dentre outras, além das práticas de aprendizagem e avaliação baseada em competências. A PROGRAD disponibilizou um e-mail como canal de participação da comunidade acadêmica para que fossem dadas contribuições ao debate e aos estudos que estavam sendo realizados.

Ocorreram reuniões da PROGRAD com Coordenadores e Chefes de Departamento, onde eram colocadas algumas das questões que estavam sendo discutidas no GT. Havia uma grande preocupação com a ausência de estratégias de formação dos concluintes, alegando-se prejuízos ao andamento do fluxo curricular e da movimentação de estudantes. Tais fatos eram apresentados colocando-se o risco de uma repercussão negativa quanto aos investimentos governamentais e, conseqüentemente, na manutenção das atividades da universidade, devido à

relação direta com os índices de egressos.

Houve, então, uma sucessão de decisões da PROGRAD e do CEPEX, que foram imprimindo um ritmo acelerado para retomada das atividades de ensino, sem considerar, de forma sistemática e processual, ações de estruturação integral e inclusiva para sua implementação.

A Resolução nº 156/2020 (UFF, 2020d), publicada em 15 de junho de 2020, regulamentou “a criação de critérios para o planejamento e a execução de Atividades Acadêmicas Emergenciais (ACE)”. Definiu o que seria “concluinte/provável formando” para efeito do regime do Período Letivo Especial, que ocorreu de 29 de junho a 31 de agosto de 2020. Nesse curto semestre, o perfil dos concluintes foi definido como o daqueles que para a integralização do currículo faltasse cursar apenas 4 disciplinas obrigatórias e/ou optativas, mais a monografia e/ou estágio. Os estudantes concluintes poderiam ou não aderir às ACE. Diante dessa deliberação, os cursos de graduação da Federal Fluminense foram procurando formas de se organizar para atender às demandas.

Por dentro da FEUFF: decorrências

Para problematizarmos nossas experiências na FEUFF, optamos por adotar um percurso descritivo-analítico. Explicitamos as teorias que sustentaram alguns questionamentos e impulsionaram ações instituintes, que se capilarizaram entre outros profissionais e alunos direta e indiretamente vinculados à proposta de reflexão.

A Faculdade de Educação criou meios de aproximação em contínuas e longas reuniões on-line entre professores, estudantes, técnicos e gestores. O que mais se acentuou, como demanda imediata, foi o fato de que precisaríamos focar, coletivamente, em estratégias de interlocução a distância, em acolhimento interpessoal, atendendo ao princípio de preservação da vida. Nesse contexto impactante, os conflitos nos fizeram priorizar as subjetividades, os afetos, o diálogo, na busca por caminhos para reorganização remota do trabalho docente.

Por dentro da FEUFF, fomos acompanhando o processo sempre de maneira questionadora e muito tensionada. Fomos vivenciando as decisões e dando encaminhamento às questões de modo crítico-reflexivo. Enquanto os órgãos superiores da universidade pensavam e encaminhavam os trâmites, na Faculdade de Educação nos mobilizávamos para lidar com o distanciamento dos estudantes.

A pandemia nos colocou diante da necessária discussão da relação conhecimento-

professor-aluno mediada pelas tecnologias digitais. O debate foi intenso. Havia vozes que argumentavam sobre o perigo de aligeiramento do processo educativo devido à inserção das tecnologias como elemento fundamental e, de certo modo, condicionante para sua realização. Apresentavam a dimensão da ameaça à estrutura da universidade pública, que poderia estar sendo imersa num programa de implementação da EaD em substituição à educação presencial. Pontuavam críticas relativas a riscos de desprofissionalização e à autonomia docente. Também havia o questionamento sobre os direitos autorais de nossas aulas.

Tais compreensões, construídas tradicionalmente na FEUFF, interpunham-se como um obstáculo para avançarmos em direção a discussões sobre o contexto e a necessidade premente das interações realizadas de modo virtual numa perspectiva que ultrapassasse a lógica técnica e tecnicista para se encaminhar à dimensão da práxis na relação - agora, tão estreita - entre tecnologias de comunicação virtual e educação. O forte posicionamento contrário à EaD e ao uso das tecnologias informacionais na educação se estendia nos discursos, nas representações e no imaginário contra qualquer iniciativa que pudesse ser associada à perspectiva da inovação pedagógica (DOMINICK; ALVES; SILVA, 2020; CORRÊA, 2016; CUNHA, 2016; GERALDI, 2010; LARROSA, 2002).

Durante a reunião da ANPEd (2021) identificamos, especialmente na fala de Andrea Lapa, na mesa 2: “Desafios, oportunidades e consequências do ensino remoto no ensino superior, na educação básica e na alfabetização/família”, tensionamentos muito semelhantes ao que vivenciamos na FEUFF.

Diante da situação que se interpunha, despontava o interesse por saber como os estudantes estavam vivendo e também por provocar um diálogo para que eles não ficassem desconectados das discussões acadêmicas e não fosse ampliada a evasão em contexto tão desafiador como o que nos atravessava.

Em reuniões da comunidade acadêmica, foi idealizado, construído e desenvolvido o Projeto “Festival em Casa com a FEUFF”, levando vários professores e alunos a oferecer atividades de modo inovador em ambiente on-line. Essa iniciativa se desenvolveu após se chegar ao entendimento de que não se caracterizaria como substituição das aulas, mas como atividade extensionista. A proposta foi de reaproximação dos estudantes, de ativação do debate sobre temas diversos e de potencialização da participação. Quando o projeto estava em processo de finalização, foi publicada a Resolução CEPEX N° 156/2020 (de 15 de junho de 2020), (UFF, 2020d) que determinou o início das Atividades Acadêmicas Emergenciais a partir de 29 de junho de 2020, o que nos trouxe, de certa forma, de surpresa. Apesar disto, várias ações

colaborativas deram sequência ao processo no qual já estávamos envolvidos, dentre eles a criação de vários GTs internos à Unidade para discussão de temáticas que influenciaram as discussões em diversos espaços de decisão da UFF e que envolveram em especial as licenciaturas.

Na travessia, foi publicada, em 22 de julho de 2020, a Decisão CEPEX N° 111/2020 (UFF, 2020c) que aprovou a reorganização do Calendário Escolar e Administrativo regulares para o ano letivo de 2020, permitindo a adoção do regime remoto de ensino em substituição ao regime excepcional de atividades acadêmicas presenciais para todos os estudantes de graduação da universidade. A previsão de duração do 1º. semestre letivo regular era de 14 de setembro a 15 de dezembro de 2020 e o 2º, de 01 de fevereiro a 10 de maio de 2021.

No sentido de ordenação das ações na UFF, a Resolução CEPEX N° 160/2020, de 14 de agosto, regulamentou o ensino remoto emergencial, apresentando as diretrizes das atividades. Determinou-se que fossem aproveitadas as inscrições em disciplinas realizadas antes da suspensão das atividades presenciais, garantindo um período de ajuste para que os estudantes se reorganizassem quanto ao semestre letivo.

A Faculdade de Educação, em articulação com todo o processo de planejamento colaborativo e coletivo vinculado à Direção da Unidade, à Coordenação do Curso de Pedagogia, e às chefias de Departamento, conferiu contribuições importantíssimas para princípios e diretrizes de implementação. Esse movimento culminou em diversas iniciativas, dentre elas a confecção do documento “Reorganização Didático-Pedagógica para o Semestre Letivo de 2020.1” elaborado pelo Núcleo de Desenvolvimento Estruturante (NDE) e aprovado pelo Colegiado do Curso de Pedagogia. Mediante o compartilhamento, a troca e o trabalho coletivo, foram também criados e fornecidos subsídios fundamentais para ações do Fórum Geral das Licenciaturas e da Divisão de Prática Discente, vinculada à PROGRAD, com a elaboração do documento de “Orientações para as disciplinas de estágio obrigatório dos cursos de Licenciatura, em caráter excepcional e temporário, enquanto durarem as restrições sanitárias da pandemia COVID-19” (UFF, 2020e).

As decisões institucionais da FEUFF foram desenvolvidas como fios de uma tessitura realizada a muitas mãos com o objetivo de tematizar a educação superior durante o ensino remoto emergencial. Diante do mar de decisões que nos atravessavam, construímos uma mobilização coletiva que ocasionou importantes experiências instituintes. Mais do que responder ao processo complicado da pandemia e às determinações externas, criou-se uma comunidade de diálogo, a partir do comprometimento de muitos com a produção de uma cultura

da participação (SHIRKY, 2011), que o OIIIIPe-UFF já vinha desenvolvendo desde a sua concepção.

No processo de pesquisa, que se deu pela reflexão na ação e sobre a ação, construímos políticas e práticas educacionais com vistas a compreender o contexto imediato e nos compreendermos nele. Criamos estratégias para os problemas, orientando e intervindo no âmbito didático-metodológico e na cultura educacional em diferentes espaços da docência universitária. Nesse processo, aprendemos e potencializamos diferentes formas de configurar nossa ação docente. Foram analisadas políticas e práticas educacionais com vistas a compreender a realidade. Definiram-se estratégias para enfrentamento das circunstâncias, de modo inovador (inovação pedagógica e das conversações), intercultural na perspectiva decolonial proposta por Candau (2016) e Walsh (2008) e interdisciplinar (JAPIASSU, 1976; FAZENDA, 1998).

Orientações de âmbito didático-metodológico puseram em debate a cultura educacional universitária hegemônica pela racionalidade europeia nas ciências sociais e humanas, hierárquica e que majoritariamente prima pela repetição de cânones científicos e comportamentais nas aulas da graduação. Tal cultura não dialoga com a pluralidade epistêmica das ciências ou com a origem socioeconômica e cultural dos estudantes.

Docência universitária: atravessamentos e travessias

Impactados pelos atravessamentos, entendemos que o contexto demandava redimensionamentos tecidos no coletivo - prática pouco comum na vida universitária, que se pauta, em grande parte, dentro de uma racionalidade individualista e produtivista. Angústias, dúvidas e a vontade de ressignificação de muitos, potencializaram a superação dos isolamentos e permitiram uma travessia instituinte.

A potência coletiva do OIIIIPe-UFF impulsionou diálogos com afetos, políticas e ações entre colegas da universidade e da unidade, gerando "que fazeres" (FREIRE; NOGUEIRA, 2007) em nossos encontros, inspirados nos círculos de cultura de Paulo Freire. As contribuições desses momentos potencializaram sentidos inovadores à docência universitária. Nos anos 1980/90, quando, na escola básica e no ensino superior, ampliou-se a presença de alunos e professores oriundos das classes populares e de minorias sociais, os fazeres docentes precisaram ser ressignificados. Nesses tempos de pandemia, percebemos ser indispensável repensar nosso papel no ensino. Da mesma forma, repensar conteúdos e temáticas a serem dinamizados se faz

numa dimensão provocativamente desafiadora aos cânones universitários. Entendemos que as concepções de aula como acontecimento, de docência universitária on-line colaborativa e interativa precisavam ser redimensionadas a partir dos princípios de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica. Tais princípios têm sustentado nossas pesquisas, nossas práticas, e têm sido explicitados em algumas de nossas produções (SILVA *et al.*, 2020).

Nós percebemos que estavam emergindo pensares e outras formas de auto-organização gestados na iminência do ensino remoto, em 2020. A suspensão dos fluxos regulares do cotidiano colocou todos de frente com problemas antigos e que pareciam ser levados para trás de uma cortina de fumaça. Abriam-se chances para se pensar e mudar as ações docentes a partir de alguns dos pressupostos que vêm sendo defendidos pelo OIIIPe, pela ANFOPe e FórumDIR, dentre outras entidades científicas.

Participamos ativamente de encontros de estudo sobre pareceres e regulamentações, de seminários internos, de grupos de trabalho temáticos, de encontros setoriais entre professores, alunos e técnicos com palestras e formação continuada sobre a docência - alguns organizados e protagonizados pelos membros do OIIIPe-UFF.

As formas de auto-organização da faculdade se traduziram em iniciativas marcantes. Antes mesmo do início das aulas on-line, o "Festival em Casa com a FEUFF", iniciativa da comunidade acadêmica, aproximou significativamente alunos e docentes por meio de uma costura coletiva que foi gerada por questionamentos e pela ação política do docente na universidade:

[...] essa pessoa que primeiro se perguntava: "que eu posso fazer pelos meus alunos?" e que antes reflete: "por que faço esse questionamento?", pois bem... essa pessoa vai se clareando em si mesma. Vai ficando clara a natureza política dessa pergunta-questionamento. Vai ficando clara a natureza política dessa profissão. Pois esse (a) professor (a) atua dentro de formas culturais diferentes. Ele (a) trabalha dentro de características e interesses culturais que não são iguais (FREIRE; NOGUEIRA, 2007, p. 47-48).

O Festival "Em Casa com a FEUFF" se desenvolveu com a participação de pessoas de todo o país. Movimento potente que se articulou com redes da educação básica, de estudantes de graduação e pós-graduação de várias universidades e também com movimentos sociais. Houve mais de 1000 participantes e uma avaliação geral bastante favorável ao que estabeleceu como objetivos da proposta. Foi uma resposta de comunidade de destino planetário (MORIN, 2000) diante das incertezas circunstanciais. Teve como importante desdobramento a aproximação de docentes e discentes com as questões relacionadas ao ensino virtual/remoto/on-line: acessibilidade, aspectos pedagógicos, disponibilidade e domínio do uso das tecnologias

informacionais.

A partir dos encontros realizados, muitas tensões foram ressignificadas, pois professores e estudantes que apresentavam resistência a qualquer iniciativa de ensino mediado por tecnologias informacionais, vivenciaram outras possibilidades, para além do controverso debate sobre a Educação à Distância. A articulação de saberes diante de propostas coletivas, interdisciplinares, com proposições culturais e estéticas do conhecimento, foi delineando um belo e instigante cenário de como viver relações de conhecimento e trocas diante da suspensão do presencial, potencializado pelo virtual.

O movimento foi nos engrandecendo frente às determinações que iam sendo encaminhadas pela universidade e reuniões realizadas nos diversos Colegiados. A Faculdade de Educação entendeu que era necessário planejamento cuidadoso para que o retorno às aulas, via atividades on-line, não ocorresse dentro de um paradigma tecnicista. As iniciativas iam na contramão de exclusões e de lógicas reducionistas. Apresentavam-se proposições e inovações pedagógicas (CUNHA, 2016), coletivamente, conectadas às especificidades daquele momento. Quando as resoluções do MEC começaram a ser debatidas nos órgãos da universidade, já estávamos em processo de organização e de reflexões sobre os desdobramentos e percursos que desejávamos desenhar para as nossas ações docentes cotidianas. Não havia certezas, estávamos construindo e conduzindo internamente. Nossas problematizações reverberavam também em outros espaços universitários nos quais também tínhamos envolvimento e participação.

A forma como estamos apresentando os fatos não pretende ser a única perspectiva, nem mesmo converter-se em um experimento para confirmar teses. Decidimos descrever e analisar alguns atravessamentos histórico-culturais para, ao abordá-los, enquanto conhecimentos singulares, como narrativas abertas, possamos atribuir sentidos plurais das nossas experiências. Benjamin (1994, p. 221) afirma sobre o narrador, ao descrever o que deveria ser - se não é:

Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria da experiência – a sua e a dos outros, transformando-a num produto sólido, útil e único?

Nós, então, realizamos uma pesquisa na ação, de caráter participativo. Vivenciamos um processo de empoderamento e nos colocamos como membros da comunidade que se transformava ao buscar transformar (THIOLLENT, 1997). Aprendemos sobre limites, trabalho coletivo e potencialidades. Assumimo-nos como aprendentes sobre/com os outros e sobre nós mesmos.

Suojanen (1999) analisa que, na pesquisa-ação, há o exercício criativo e transformador de uma prática profissional que só pode ser exercida pelos sujeitos que têm o sentimento de controle de sua vida e de suas decisões. A autora explicita que o ato de construção de capacidades, o desenvolvimento pessoal e coletivo, a apreensão de crescente poder de conhecimento e o controle dos saberes fazem parte de uma visão de profissão que empodera. Não de forma individual, mas por meio da cooperação, do compartilhamento de saberes e do trabalho coletivo.

Desenvolvemos uma pesquisa na ação e sobre a ação, vivenciando diálogos interculturais e interdisciplinares com diversos pares e autores para entender, produzir e intervir na cultura educacional universitária e esta poderia mudar naquele momento, transformando-se em práxis pedagógica inovadora. Mais do que pesquisadoras, estávamos vivenciando a experiência de professoras reflexivas (SCHÖN, 1992), promovendo análises sobre nossas práticas, nossos fundamentos e sobre os acontecimentos que iríamos vivenciar nas aulas síncronas e assíncronas.

Percebemos, enquanto narradoras, que não podemos nos esquecer de que somos também sonhadoras, pois devaneios nos acompanham enquanto produtoras de artes de fazer (CERTEAU, 1998). As abordagens aqui desenvolvidas visam construir um olhar para além da perspectiva cartesiana de ciência. Estão recortadas por influências de culturas e saberes dos povos originários e por nossa confiança na coletividade e no respeito mútuo. Trabalhamos a partir da perspectiva daqueles que, ao olharem para a montanha, buscam sentir o seu humor e que, ao perceberem o seu tom triste, feliz ou ameaçador, buscam fazer cerimônias cantando, integrando-se ao universo, fluindo com os rios, fazendo poesias para o sol, produzindo histórias, retratando a vida.

Somos cientistas que olham para o mundo e percebem cada elemento como parte de um todo, vendo que um rio espelha trajetórias de homens e mulheres indígenas que nele já se banharam. Não queremos calcular quantos *megawatts* o rio vai produzir quando construírem nele uma hidrelétrica, uma barragem (KRENAK, 1992, p. 203). O olhar sensível do povo Krenak, expresso por Ailton, questionando a maneira cartesiana de perceber o mundo, nos instigou a olhar e a contar a travessia e os atravessamentos daquele momento de maneira singular, buscando na experiência, na vivência e na reflexão sobre ela compreendermo-nos como seres integrantes de um mesmo cosmos, em interdependência.

O paradigma da ciência moderna, dominante ainda hoje, desconfiou da experiência e tratou de convertê-la em um elemento do método, colocando-a no "caminho seguro". A

experiência deixou de ser um meio para a construção do saber, formando e transformando a vida em sua singularidade. Mas o acontecimento, aquilo que nos afeta e atravessa, pode atribuir ao mundo sentidos, que ao serem lidos com suas regularidades e irregularidades, possibilitam-nos conhecer as coisas (LARROSA, 2002). Nas nossas travessias e nos atravessamentos que aconteceram durante o ano de 2020, construímos fazeres intersubjetivos e objetivos que impulsionaram insurgências em um tempo que, de tão intenso sofrimento humano, nos impõe, paradoxalmente, ainda mais fortes impulsos para a luta e para a celebração da vida.

AGRADECIMENTOS: Aos colegas da FEUFF e da UFF que contribuíram na organização de nosso trilhar conjunto.

REFERÊNCIAS

BARIFOUSE, R. Por que o H1N1 não parou economias como a pandemia de coronavírus? **BBC News Brasil**, São Paulo, 2020a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52078906>. Acesso em: 24 maio 2021.

BARIFOUSE, R. Como o Brasil foi afetado pela pandemia de H1N1, a 1ª do século 21? **BBC News Brasil**, São Paulo, 2020b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>. Acesso em: 24 maio 2021.

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Portaria do MEC n. 2.117, de 6 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância – EaD [...]. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. **Portaria n. 343, de 17 março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 21 set. 2021.

CANDAU, V. M. (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: Uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CANDAU, V. M. Didática novamente em questão: Fazeres-saberes pedagógicos em diálogo, insurgência e políticas. *In*: CANDAU, V. M.; CRUZ, G. B.; FERNANDES, C. (org.). **Didática e fazeres-saberes pedagógicos: Diálogos, insurgências e políticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

COMBATE à epidemia de H1N1: Um histórico de sucesso. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. **CEE-FIOCRUZ**, Rio de Janeiro, 26 jan. 2021. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1314>. Acesso em: 24 maio 2021.

UFF. **Decisão n. 109/2020**. Rio de Janeiro: CEPEX/UFF, 2020a. Disponível em: https://www.uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/bs_-_decisao_cepex_109-2020_-_suspensao_calendarios_2020.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

UFF. **Decisão n. 110, de 2020**. Rio de Janeiro: CEPEX/UFF, 2020b. Disponível em: https://www.uff.br/sites/default/files/decisao_cepex_110_2020.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

UFF. **Decisão n. 111/2020**. Rio de Janeiro: CEPEX/UFF, 2020c. Disponível em: https://www.uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/bs_-_calendarios.pdf. Acesso em: 21 set 2021.

UFF. **Resolução n. 156/2020**. Dispõe sobre a criação de critérios para o planejamento e a execução de Atividades Acadêmicas Emergenciais (ACE), define o “concluinte/provável formando” para efeito do regime do Período Letivo Especial, e dá outras providências. Rio de Janeiro: CEPEX/UFF, 2020d. Disponível em: https://www.uff.br/sites/default/files/156-2020_atividades_graduacao_gt.pdf. Acesso em: 21 set. 2021.

UFF. Orientações para as disciplinas de estágio obrigatório dos cursos de Licenciatura, em caráter excepcional e temporário, enquanto durarem as restrições sanitárias da pandemia COVID-19. Rio de Janeiro: UFF, 2020e. Disponível em: <https://divisaopraticadiscendente.uff.br/wp-content/uploads/sites/229/2020/09/DOCUMENTO-ESTAGIO-REMOTO-COLEGIADO-AGOSTO-2020.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CORRÊA, G. T. **Os labirintos da aula universitária**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10022017-130943/en.php>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CUNHA, M. I. Inovações na educação superior: Impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87-101, set./dez. 2016. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3172/2907>. Acesso em: 22 out. 2021.

DOMINICK, R. S.; ALVES, W. B.; SILVA, M. M. Desafios na formação de professores em um mundo conectado: Representações, práticas e linguagens inovadoras. **RIAEE - Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 2, p. 1629-1651, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13836>. Acesso em: 25 out. 2021.

FAZENDA, I. C. A. **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer**: Teoria e prática em educação popular. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GERALDI, J. W. **Aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

GERALDI, J.W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: Os educadores podem dizer muito com Bakhtin. *In*: FREITAS, M. T. A. **Educação, Arte e Vida em Bakhtin**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KRENAK, A. Antes, o mundo não existia. *In*: NOVAES, A. (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12411274-Antes-o-mundo-nao-existia-ailton-krenak.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 21-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHUELE, P. O que é uma pandemia. **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763>. Acesso em: 24 set. 2021.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, M. M. *et al.* O OIIIIPe na UFF: Percursos de Professores-Pesquisadores em Rede. *In*: OLIVEIRA, I. *et al.* (org.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**: Tensões e perspectivas na relação entre novas epistemologias, biodiversidade, diferença, democracia e inclusão. Petrópolis, RJ: FAPERJ; CNPQ; CAPES; ENDIPE, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1i_bww3qun1-gbHBvLkq_FpCpVQoielc/view. Acesso em: 29 set. 2021.

SUOJANEN, U. Action research – a strategy for empowerment. *In*: TURKKI, K. (ed.). **New approaches to the study of everyday life**. Helsinki: Finland Publications 4, 1999.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 1997.

WALSH, C. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 131-152, jul./dez. 2008.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Agradecemos aos colegas da UFF e da AIIIIPe que participaram dos processos de formação e de trocas online.
 - Financiamento:** Não há financiamento.
 - Conflitos de interesse:** Não há conflito de interesse.
 - Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa e também durante o processo de escrita. Por tratar-se de uma análise crítica de nossas vivências, não passou por comitê de ética.
 - Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis nos links do texto.
 - Contribuições dos autores:** As autoras participaram em diferentes espaços nas construções das ações e a escrita se deu de forma conjunta com colaborações equânimes e em momentos de escrita cooperativa. O processo foi cooperativo tanto no que se refere às narrativas, quanto nas análises documentais e mesmo no diálogo teórico.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

